

# NICEIA E O IDEAL DE UMA IGREJA UNIDA

## Niceia and the ideal of a united church

*Vítor Manuel Raposo Rafael\**

**Resumo:** A efeméride dos 1700 anos do Concílio de Niceia tem sido certamente uma oportunidade única de celebrar e reflectir acerca desse evento importantíssimo da história do cristianismo, que não só moldou os fundamentos da fé cristã ortodoxa, como apontou caminhos para a idealização de uma igreja unida. Convocado em 325 d.C. pelo Imperador Constantino, que procurava tanto a unidade política como a harmonia religiosa, o Concílio reuniu bispos de todo o Império Romano, a fim de elaborar uma doutrina unificada, a qual culminaria, em 381, no Credo Niceno-Constantinopolitano, o qual acomodou as alterações introduzidas no concílio seguinte, em Constantinopla. Este credo – também conhecido por *Símbolo Niceno-Constantinopolitano* –, além de afirmar a divindade de Jesus Cristo contra as doutrinas de Ário e seus seguidores, simboliza igualmente o compromisso da Igreja primitiva com a unidade na fé. Desde Niceia, episódios como o Cisma de Calcedónia (451), o Grande Cisma do Oriente (1054) e a Reforma Protestante (1517), contribuíram decisivamente para a dissolução dessa unidade e o conseqüente surgimento de muitas divisões entre os cristãos, que ainda hoje persistem. Todavia, o Credo não perdeu ainda o potencial para interpelar e inspirar os cristãos de todo o mundo a unirem-se nesse propósito de atender aos anseios mais profundos de unidade manifestados pelo próprio fundador da Igreja, Jesus Cristo.

**Palavras-chave:** Igreja Primitiva, Ortodoxia, Heterodoxia, Niceia, Unidade da Igreja

**Abstract:** The 1700th anniversary of the Council of Nicaea has certainly been a unique opportunity to celebrate and reflect on this extremely important event in the history of Christianity, which not only shaped the foundations of the Orthodox Christian faith, but also pointed the way towards the idealisation of a united church. Convened in 325 AD by Emperor Constantine, who sought both political unity and religious harmony, the Council brought together bishops from across the Roman Empire to develop a unified doctrine, which would culminate, in 381, in the Nicene-Constantinopolitan Creed. This creed – also known as *Nicene-constantinopolitan Symbol* –, in addition to affirming the divinity of Jesus Christ against the doctrines of Arius and his followers, also symbolised the early Church's commitment to unity in faith. Since Nicaea, events such as the Chalcedonian Schism (451), the Great Schism of the East (1054) and the Protestant Reformation (1517), contributed for the dissolution of this unity and the consequent rise of many divisions among Christians, which still persist today. Nevertheless, the Creed hasn't yet lost all this potential to challenge and inspire Christians around the world to unite in this purpose of fulfilling the deepest desires of unity cherished by the founder of the Church himself, Jesus Christ.

**Keywords:** Early Church, Orthodoxy, Heterodoxy, Nicaea, Unity of the Church

\* Doutorando em História e Cultura da Religião na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL). Mestre em Ciência das Religiões, Investigador do Instituto de Cristianismo Contemporâneo (ICC), Universidade Lusófona, Lisboa, Investigador na Universidade Católica Portuguesa - Centro de Investigação em Teologia e Estudos da Religião (CITER) e Investigador Integrado Não Doutorado do Centro de História da Universidade de Lisboa.

## **Introdução**

Acontecimento marcante da história do Cristianismo, o Concílio de Niceia, convocado no ano 325 d.C. pelo Imperador Constantino, foi o culminar de disputas que já ocorriam há muito tempo entre os cristãos, instigadas especialmente por Ário de Alexandria (250-336) e seus adeptos, relativas à questão da natureza e divindade da Segunda Pessoa da Trindade. Essas controvérsias ameaçavam, ao mesmo tempo, a unidade da Igreja e, segundo o próprio Constantino, a coesão do Império Romano.

A questão se haveria ou não, já no período pré-Niceno, uma ortodoxia no sentido estrito, é, segundo alguns, muito controversa. De facto, o Novo Testamento – em particular os Atos e as Cartas Paulinas – sugerem que havia já divisões no período apostólico. Também no período pós-apostólico, especialmente nos primeiros dois séculos da era cristã, nos quais o cristianismo se expande rapidamente, as cartas de Inácio de Antioquia e de Policarpo mencionam divisões no seio das igrejas cristãs. Com efeito, nem mesmo a formulação do Credo Niceno-Constantinopolitano – o qual é o produto das deliberações, primeiro, do Concílio de Niceia (325), e depois, do Concílio de Constantinopla (381) –, logrou alcançar de vez o ideal de uma Igreja verdadeiramente unida – assim o comprovam os inúmeros cismas e divisões ocorridas ao longo dos séculos subsequentes. Por conseguinte, o ideal permanece enquanto ideal, apesar dos inúmeros esforços ecuménicos contemporaneamente em curso. Niceia ainda avulta, 1700 anos depois, como um desafio a toda a Igreja para que concretize o desejo do seu Fundador e Fundamento – Jesus Cristo.

## **Ortodoxia ou heterodoxias no Período Pré-Niceno?**

Analisar o tema da diversidade na Igreja Pós-Apostólica, isto é, no período que pode ser compreendido entre os finais do primeiro século, logo após a morte dos últimos apóstolos, e o final do terceiro, antes do Primeiro Concílio de Niceia, requer, desde já, uma breve análise à expansão do Cristianismo nesta fase tão

preliminar da sua existência enquanto movimento. Os primeiros seguidores de Jesus eram judeus, constituindo-se mesmo como uma *secta*<sup>1</sup> ou “escola” entre muitas outras da mesma época, como os Saduceus, Fariseus, Essênios e Zelotas,<sup>2</sup> que se reuniam diariamente no Templo (Atos 2:46). Estas primeiras comunidades judaico-cristãs estavam ainda circunscritas a Jerusalém e à Galileia.

Sabe-se que, na carta aos Gálatas, escrita algures na década de 40 do primeiro século, Paulo conta que, num episódio ocorrido em Jerusalém<sup>3</sup> entre ele próprio e “as três colunas” da igreja – Pedro, Tiago e João –, lhe foi confiada a evangelização dos “incircuncisos”, ou seja, dos gentios, enquanto a Pedro e aos outros foi confiada a dos circuncisos ou judeus (Gálatas 2:7-8). As mais antigas e importantes fontes escritas por Paulo, na sua grande maioria a igrejas<sup>4</sup> gentílico-cristãs, referem comunidades existentes em Roma, Corinto, Filipos, Tessalónica e Galácia. As duas gerações seguintes da missão gentílica, que através de uma tradição epistolar têm em Paulo o seu alicerce, apontam já para a existência de outras comunidades em Colossos e Éfeso.<sup>5</sup>

No período pós-apostólico, as igrejas situadas nos grandes centros urbanos, como Antioquia, Éfeso, Corinto e Roma, foram o trampolim para a grande expansão cristã nos séculos II e III. Na Ásia Menor, em particular, essa expansão foi muito rápida, conforme sugerem as cartas às sete igrejas no Livro do Apocalipse (2:1-3:22) e as cartas de Inácio de Antioquia. Para além de Éfeso, havia comunidades cristãs em Esmirna, Pérgamo, Sardes, Filadélfia, Tiatira, Tróade,

---

<sup>1</sup> *Secta*, seita em português, traduzida para latim a partir da palavra grega *αἵρεσις*, “háiresis”, definida como sendo um ensinamento, uma escola filosófica.

<sup>2</sup> Paula Fredriksen, *When Christians were Jews: the first generation* (New Haven: Yale University Press, 2018), 4.

<sup>3</sup> Paulo refere-se ao famoso Concílio de Jerusalém. Segundo Atos 15:1-34 e Gálatas 2:7-8, esta consulta aos Apóstolos e Anciãos deveu-se a discordâncias acerca da obrigatoriedade de os gentios terem ou não de observar a Lei de Moisés. O Concílio acabou por emitir o decreto que consta em Atos 15:28-9: “Espírito Santo e nós próprios resolvemos não vos impor outras obrigações além destas, que são indispensáveis: abster-vos de carnes imoladas a ídolos, do sangue, de carnes sufocadas e da imoralidade.”

<sup>4</sup> Igreja, do grego *ἐκκλησία*. Acerca desta palavra grega *Ekklesiá*, inicialmente um termo político, é traduzida para português por assembleia, congregação ou igreja, consultar Colin Brown, *The New international dictionary of New Testament theology*, 3 vols. (Grand Rapids, Mich.: Zondervan Pub. House, 1975), 291-307.

<sup>5</sup> Margaret Mary Mitchell, Frances M. Young, and K. Scott Bowie, *Origins to Constantine*, Cambridge history of Christianity, (Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 2006), 106.

Magnésia e Trales, entre outros locais. A carta de Plínio<sup>6</sup> ao imperador Trajano e a Primeira Carta de Pedro (1:1) mostram que também se encontrava um número significativo de cristãos na Bitínia e no Ponto.<sup>7</sup>

Como seriam então essas primeiras comunidades cristãs? Haveria já uma uniformidade na doutrina (*ὀρθοδοξία*)<sup>8</sup> e na eclesiologia? Ou seria a diversidade (*ἑτεροδοξία*)<sup>9</sup> a norma? Desde os inícios do século XIX, principalmente entre algumas igrejas presbiterianas e baptistas norte-americanas, que se defende um retorno às crenças e práticas do Cristianismo primitivo.<sup>10</sup> Mas a tese de Walter Bauer escrita em 1934, *Rechtgläubigkeit und Ketzerei im ältesten Christentum*,<sup>11</sup> pretendeu refutar a ideia errada de que no início haveria já uma ortodoxia, ou seja, uma única definição doutrinária aceite por todos os cristãos. Segundo o autor, desde o século IV, o que hoje se conhece como "ortodoxia" era originalmente a forma dominante de Cristianismo apenas em Roma.<sup>12</sup> Também James D.G. Dunn, um dos maiores estudiosos do Novo Testamento da actualidade, observa a não existência de um único querigma (*κηρύγμα*),<sup>13</sup> mas sim de vários querigmas (*κηρύγματα*), no início do Cristianismo. Segundo Dunn, o querigma de Jesus, conforme exposto nos evangelhos sinópticos, seria bastante simples, a saber:

“(1) the proclamation of the kingdom of God, both its imminence and its presence - Jesus saw himself as the instrument of this end-time rule, but he did not put himself forward as the content of his kerygma; (2) the call for repentance and faith in face of the end-time power and claim of God - Jesus himself was not the object of faith; (3) the offer

<sup>6</sup> Pliny the Younger, Letters. url: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Plin.+Ep.+10.96>

<sup>7</sup> Philip Francis Esler, *The early Christian world*, Second edition. ed., Routledge worlds, (London ; New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2017), 205.

<sup>8</sup> A palavra ortodoxia deriva do grego *orthodoxía* (orthó, “correcta”) + (doxía, “opinião”), ou seja, uma opinião ou crença correcta. Consultar Frederick W. Danker, Walter Bauer, and William Arndt, *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature*, 3rd ed. (Chicago: University of Chicago Press, 2000).

<sup>9</sup> A heterodoxia, do grego *ἑτεροδοξία* (heterodoxia), *ἕτερο* (hétéro, “outro, diferente”) + *δοξία* (doxía, “opinião”), significa opinião ou crença diferente.

<sup>10</sup> E. Brooks Holifield, *Theology in America : Christian thought from the age of the Puritans to the Civil War* (New Haven, CT: Yale University Press, 2003), 291.

<sup>11</sup> Obra traduzida para o inglês em 1971 com o título *Orthodoxy and Heresy in Earliest Christianity*. Walter Bauer, Robert A. Kraft, and Gerhard Krodel, *Orthodoxy and heresy in earliest Christianity* (Philadelphia,: Fortress Press, 1971).

<sup>12</sup> Bauer, Kraft, and Krodel, *Orthodoxy and heresy in earliest Christianity*, 231.

<sup>13</sup> *Κηρύγμα, Κηρύγματα*, do grego *kérygma*, “proclamação”.

of forgiveness and a share in the messianic feast of the new age, with its ethical corollary of love.”<sup>14</sup>

Se atendermos ao querigma exposto na pregação de Pedro nos Atos dos Apóstolos, veremos que seria também relativamente simples e parecido com o de Jesus, ou seja, “(1) the proclamation of the resurrection of Jesus; (2) the call for a response to this proclamation, for repentance and faith in this Jesus; (3) the promise of forgiveness, salvation, Spirit to those who so respond.”<sup>15</sup> Mas, observando os querigmas do Evangelho de João e da epistolografia paulina, verificam-se já algumas diferenças. Dunn conclui que “Any attempt to find a single, once-for-all, unifying kerygma is bound to fail.”<sup>16</sup>

Além do mais, se tivermos em conta que a ortodoxia poderá ser entendida como um corpo doutrinário, ou seja, um conjunto rigoroso de pressupostos teóricos ou dogmáticos, isso seria certamente algo de estranho para a primeira geração de discípulos do Nazareno. É que eles eram guiados, sobretudo, por uma prática ou recta conduta (*orthopraxis*). Não será por acaso que eram conhecidos por “Os seguidores da Via” ou “do Caminho” (além da designação tradicional de cristãos (*χριστιανός*, pequenos messias)).<sup>17</sup>

Assiste-se, já nas primeiras comunidades paulinas, a várias divisões, ou seja, várias heresias (*αἵρεσις*),<sup>18</sup> como se pode verificar, por exemplo, na Primeira Carta aos Coríntios 11:19, onde Paulo tem já em mente certos grupos ou movimentos dissidentes dentro das comunidades cristãs, que ameaçam a unidade das mesmas. As cartas de Pedro e as Pastorais, provavelmente escritas entre finais do primeiro século e primeira metade do segundo,<sup>19</sup> referem igualmente advertências contra os

---

<sup>14</sup> James D. G. Dunn, *Unity and diversity in the New Testament : an inquiry into the character of earliest Christianity*, 2nd ed. (Philadelphia: Trinity Press International, 1990), 11-6.

<sup>15</sup> Dunn, *Unity and diversity in the New Testament : an inquiry into the character of earliest Christianity*, 21.

<sup>16</sup> Dunn, *Unity and diversity in the New Testament : an inquiry into the character of earliest Christianity*, 32.

<sup>17</sup> Géza Vermès, *Christian beginnings : from Nazareth to Nicaea* (New Haven: Yale University Press, 2013), 70.

<sup>18</sup> Do grego αἵρεσις (*hairesis*) como sendo um ensinamento, uma escola filosófica, mas em Paulo começa já ter um sentido negativo, uma facção, divisão, separação.

<sup>19</sup> Scot McKnight, *The Pastoral Epistles* (Cambridge, United Kingdom ; New York, NY, USA: Cambridge University Press, 2023), 4-10.

ψευδοπροφηται, “pseudoprophētai” ou falsos profetas (2 Pedro 2:1); contra o ἑτεροδιδασκαλεῖν, “heterodidaskalein” ou o ensino de outras doutrinas (1 Timóteo 1:3); ou ainda contra os que causam divisões, ou seja, os αἵρετικὸν ἄνθρωπον, “hairetikon anthrōpon” (Tito 3:10). É preciso não esquecer que, nesta fase inicial, as maiores divisões entre cristãos, decorrentes do famoso concílio de Jerusalém, ocorrem entre a facção gentílica e a judaica, as quais nunca foram completamente saneadas. Apesar de, em Atos 15,13-21 e Gálatas 2,1-10, Tiago concordar com a decisão de que a plena observância da Lei não deveria ser imposta aos gentios convertidos ao Cristianismo, em Gálatas 2:11-14 parece que ele ainda a considerava obrigatória, pelo menos para os judeus cristãos, uma vez que alguns destes ainda tentavam influenciar os circuncidados a retirarem-se da comunhão da mesa com os gentios.

Além destas duas facções, e devido à expansão geográfica e social do movimento de Jesus, observa-se uma grande variedade de fontes que sobreviveram deste período. Primeiramente, temos o corpus dos Padres Apostólicos (doravante PA)<sup>20</sup>, do qual fazem parte a Didaché, a Carta aos Coríntios de Clemente de Roma, as Cartas de Inácio de Antioquia, a Carta aos Filipenses de Policarpo de Esmirna, fragmentos da obra de Papias de Hierápolis, o Pseudo-Barnabé, o Pastor de Hermas e a Segunda Carta aos Coríntios, pseudepígrafa de Clemente de Roma.<sup>21</sup> Destas, destaca-se nas Cartas de Inácio e Policarpo a existência de outras correntes de pensamento, como o Docetismo, segundo a qual Jesus não tinha tido um corpo real na sua vida terrena, mas somente um corpo aparente (Inac.Esmirn. I, II, Polic.Filip. VII).

É importante referir ainda que, com a descoberta da biblioteca de Nag Hammadi (NHC) em 1945, vieram a público uma série de fontes escritas dos inícios do século IV, muitas delas já conhecidas por outras ainda mais antigas,

---

<sup>20</sup> The expression “Apostolic Fathers” refers to a collection of early Christian writings traditionally viewed as being authored by people who knew or were associated with the New Testament (NT) apostles. William Varner, *The Apostolic fathers: an introduction and translation* (New York: T&T CLARK, 2023), 1.

<sup>21</sup> Isidro Pereira Lamelas, *As Origens do Cristianismo: Padres Apostólicos* (Lisboa: Paulus, 2016), 6.

dando-nos assim um vislumbre dos vários “cristianismos” existentes no século II. Desses contam-se, obviamente, o Gnosticismo, corrente filosófico-religiosa expressa em textos como O Evangelho de Tomé, Os Atos de Pedro e dos Doze Apóstolos, O Apócrifo de João, O Apocalipse de Paulo, O Apocalipse de Pedro, Primeiro Apocalipse de Tiago, Segundo Apocalipse de Tiago, Evangelho dos Egípcios, Evangelho de Maria, Evangelho de Filipe, Evangelho da Verdade, Sophia de Jesus Cristo. Outros textos gnósticos que datam possivelmente desse período incluem: O Apocalipse de Tomé, O Evangelho de Judas e o Evangelho do Salvador.<sup>22</sup>

Esta diversidade de “cristianismos” no período dos PA está certamente muito ligada à questão já colocada pelo próprio Jesus aos seus discípulos no Evangelho de Mateus 16:15, a saber: «E vós, quem dizeis que Eu sou?», e que irá ser debatida nos concílios ecuménicos realizados entre o século IV e VII. À parte dos primeiros embates acerca da observância da Lei entre Paulo e os judaizantes (*Ἰουδαΐζειν*, Ioudaizein, Gálatas 2:14), começaram também a aparecer diferentes pontos de vista acerca da natureza de Jesus, o que afectava, naturalmente, a concepção relativa à sua relação com o Pai.<sup>23</sup>

### **O Arianismo, a crise da ortodoxia e a convocação do concílio**

Conforme referido anteriormente, os cristãos dos primeiros séculos defrontavam-se com várias questões acerca de Jesus, nomeadamente relativas à sua natureza e relação com Deus Pai. A este respeito eram diversas as interpretações e as “heresias”, daí que, a bem da unidade da fé e do império, o Imperador Constantino tenha sentido a necessidade de convocar o Concílio de Niceia em 325, com o principal objectivo de desenvolver uma cristologia

---

<sup>22</sup> Michael F. Bird and Scott D. Harrower, *The Cambridge companion to the Apostolic Fathers*, Cambridge companions to religion, (Cambridge, United Kingdom ; New York, NY, USA: Cambridge University Press, 2021), 53-63.

<sup>23</sup> Antonio Piñero Saenz, *Los cristianismos derrotados : cual fue el pensamiento de los primeros cristianos heréticos y heterodoxos?*, Ierusalem, (Madrid ; Miami: Edaf, 2007), 71.

“ortodoxa”, ou seja, oficial, que determinasse definitivamente a natureza da Pessoa de Jesus na qual era suposto acreditar.

Na realidade, essas questões haviam já sido muito debatidas em todo o Império Romano. No final do século I, os ebionitas defendiam que Jesus era apenas um homem comum que fora escolhido por Deus para ser o Messias, rejeitando que fosse de natureza divina e até mesmo que tivesse nascido sem pecado, de uma virgem. No segundo século, surgem outras correntes de pensamento ligadas ao Gnosticismo, como o Docetismo, que, por outro lado, negava a humanidade de Jesus: o seu corpo seria apenas aparente. Já o Adopcionismo defendia que Jesus, tendo nascido humano, fora “adoptado” como Filho por Deus em determinada altura da sua vida. Também o Modalismo, ou Sabelianismo, ensinava que o Pai, o Filho e o Espírito Santo seriam apenas modos ou manifestações diferentes de um único Deus, negando qualquer distinção, como mais tarde se defenderia, entre as pessoas da Trindade. Mas, de entre estas várias heterodoxias, o Concílio vai pronunciar-se principalmente em relação ao Arianismo, que tinha surgido nos inícios do século IV.

Ário, um bispo alexandrino, desafiara o Patriarca Alexandre de Alexandria no tema da relação de Deus Filho com Deus Pai, insistindo na absoluta unicidade de Deus e defendendo que o Verbo, embora sendo chamado *de Deus*, *não era* verdadeiramente Deus, mas que fora criado.<sup>24</sup> Inicialmente, Constantino tentou pacificar as duas partes, instando-as a tolerar diferenças em pontos menores da doutrina, mas como a controvérsia se tornou mais violenta, acabou por reunir cerca de 220 bispos no primeiro concílio geral ou ecuménico, em Niceia. Aí, exortou os bispos a manterem a paz e a unidade e até participou, ao que parece, nos debates. Porém, o assunto era complexo e não seria resolvido facilmente, tendo permanecido controverso mesmo após sua morte.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> Leo Donald Davis, *The first seven ecumenical councils* Davis, *The first seven ecumenical councils (325-787) : their history and theology*, 51-5.

<sup>25</sup> Thomas S. Bokenkotter, *A concise history of the Catholic Church*, Rev. and expanded ed. (New York: Doubleday, 2004), 41.

O que estaria de facto em causa com a posição de Ário? Seria a ortodoxia (ou a correcta doutrina), ainda que a mesma não tivesse ainda sido estabelecida? Antes de mais, é importante ressaltar que a grande maioria das ideias do bispo alexandrino são conhecidas através dos seus detractores, pelo que existe algum risco de que essas ideias tenham sido distorcidas, ou até mesmo descontextualizadas em todas as polémicas envolventes, gerando assim mal-entendidos. Em todo o caso, podemos afirmar que o cerne do pensamento de Ário era, como já vimos, a ideia de que Jesus Cristo não seria, em qualquer sentido do termo, divino, sendo antes uma criatura, ainda que a primeira de todas. Assim, o Pai teria proeminência em relação ao Filho, porque teria existido antes deste e tê-lo-ia criado. "Houve um tempo", escreve Atanásio de Alexandria, "em que ele [o Filho] não existia".<sup>26</sup>

Num raro documento que chegou até nós, uma carta em grego atribuída ao próprio Ário, escrita por volta de 321, o bispo alexandrino tem o cuidado de deixar claro que o Filho, não obstante seja uma criatura, não é como todas as outras criaturas. O seu estatuto teológico é diferente, inclusive em relação aos seres humanos. Ário tem alguma dificuldade em precisar a natureza específica dessa diferença. O Filho, argumenta ele na carta, é uma criatura perfeita, mas não como uma entre outras criaturas; um ser gerado, mas não como um entre outros seres gerados. A implicação parece ser que o Filho supera as outras criaturas, embora partilhe a sua natureza essencialmente criada e gerada. As consequências deste ponto de vista foram criticadas por muitos na época, especialmente por Atanásio.<sup>27</sup>

A polémica suscitada por Ário, diz-nos Eusébio de Cesareia em *Vita Constantini*, terá rapidamente extravasado Alexandria, atingindo, com grande prejuízo para a unidade e a respeitabilidade da fé, outras províncias do Norte de África:

---

<sup>26</sup> R. P. C. Hanson, *The search for the Christian doctrine of God: the Arian controversy 318-381* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1988), 13.

<sup>27</sup> Alister E. McGrath, *The Christian theology reader*, 5th ed. (Chichester, West Sussex ; Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2017), 232-3.

“The spectacle of these events reached such absurdity that sacred points of divine doctrine were now subjected to disgraceful mockery publicly in the theatres of the unbelievers. 62 While those in Alexandria itself were sparring like juveniles over the highest matters, those around Egypt and the upper Thebaid were at variance on a previous long-standing issue, such that the churches were everywhere divided. The whole of Libya was labouring under these things like a diseased body, and with it the other parts, the provinces beyond, were catching the disease. Those in Alexandria sent delegations to the bishops of each province, while those who took the other side shared the same contentious spirit.”<sup>28</sup>

O próprio Constantino, considerando a disputa como perturbação de ordem pública, enviou carta a Ário e ao bispo Alexandre, pedindo-lhes que pusessem fim à controvérsia. O que é interessante observar na missiva do Imperador é que temas teológicos não eram certamente a sua principal preocupação. No entender dele, a questão que dividia os alexandrinos seria trivial e tola, e nunca deveria ter sido discutida publicamente. Insta mesmo Alexandre e Ário a compreenderem que essa «pequena diferença» não deveria constituir causa de heresia ou de cisma: “On the subject of divine Providence therefore let there be one faith among you, one understanding, one agreement about the Supreme; the precise details about these minimal disputes among yourselves, even if you cannot bring yourselves to a single point of view, ought to remain in the mind, guarded in the hidden recesses of thought.”<sup>29</sup>

Apesar dos apelos do Imperador, as partes envolvidas não chegaram a consenso. A fim de tentar resolver a disputa, Constantino convoca finalmente, no ano de 325, um concílio de bispos em Niceia, perto do seu quartel-general em Nicomédia. Conforme defendido por Francis Dvornik, o Imperador acreditava ter o direito de convocar um concílio porque “(...) in the spirit of the definition of Hellenistic royal competence, he regarded himself as legally entitled to interfere in religious affairs. He represented the Divinity on earth and was given by God

---

<sup>28</sup> Eusebius, Cameron, and Hall, *Life of Constantine*, 115.

<sup>29</sup> Eusebius, Cameron, and Hall, *Life of Constantine*, 119.

supreme power in things material and spiritual. He thought that it was his foremost duty to lead men to God.”<sup>30</sup>

Não deixou, entretanto, de comunicar aos delegados, quase em tom de ameaça, que pretendia estar presente como espectador e participante nos debates. Tal seria a primeira vez que, na história da Igreja, iria ocorrer.

“That there is nothing more honorable in my sight than the fear of God is, I believe, manifest to every man. Now because it was agreed formerly that the synod of bishops should meet at Ancyra of Galatia, it hath seemed to us on many accounts that it would be well for a synod to assemble at Nicaea, a city of Bithynia, both because the bishops from Italy and the rest of the countries of Europe are coming, and because of the excellent temperature of the air, and in order that I may be present as a spectator and participator in those things which will be done. Wherefore I signify to you, my beloved brethren, that all of you promptly assemble at the said city, that is at Nicaea. Let every one of you therefore, regarding that which is best, as I before said, be diligent, without delay in anything, speedily to come, that he may be in his own person present as a spectator of those things which will be done by the same.”<sup>31</sup>

Embora não existam provas conclusivas, pensa-se que o imperador tenha presidido ao concílio. Segundo o relato de Eusébio – que hoje se afigura problemático –, terá sido ele, provavelmente por recomendação de um dos seus conselheiros, o bispo espanhol Ósio, ou Óssio, de Córdova, que propôs uma cláusula muito significativa no credo que mais tarde emergiu do concílio: a declaração de que o Filho era "da mesma substância" (*homoousios*<sup>32</sup>) que o Pai. Se é verdade que tal proposta foi da autoria do próprio Constantino, o poderoso líder de um vasto império que, todavia, se encontrava em crise profunda, pouca oposição lhe poderia ser feita: apenas dois bispos ficaram registados como sendo

<sup>30</sup> Francis Dvornik, *Photian and Byzantine ecclesiastical studies*, Collected studies 32, (London: Variorum Reprints, 1974), XV-7.

<sup>31</sup> James Stevenson, *A New Eusebius : documents illustrating the history of the Church to AD 337*, Rev. with additional documents / ed. (London: SPCK, 1987), 338.

<sup>32</sup> Segundo Williams Rowan, o termo *homoousios* e expressões semelhantes, já estavam a ser discutidos nos anos que antecederam Niceia: não surgiram da cabeça de Constantino ou de Óssio de Córdova. Rowan Williams, *Arius : heresy and tradition*, Rev. ed. (Grand Rapids, Mich.: W.B. Eerdmans, 2002), 69.

contrários à mesma. Foram igualmente discutidos outros assuntos para a vida da Igreja, sendo alguns controversos.<sup>33</sup>

## O Concílio de Niceia e o seu contexto histórico

Nos inícios do século IV, o Império Romano estava profundamente mergulhado em lutas de poder e guerras civis, e o assédio constante dos povos ditos bárbaros do norte e do leste forçava Roma a constantes negociações e cedências de território. Dividido inicialmente entre quatro generais, dois na parte ocidental e dois na oriental, o império, como resultado de uma intensa guerra civil, haveria mais tarde de ficar sob domínio absoluto de um só senhor – Constantino. Este era, inicialmente, senhor, no Ocidente, das regiões da Bretanha, Gália e Espanha, enquanto o seu rival Maxêncio governava Itália e o Norte de África. Constantino, desejando controlar a totalidade do Império, reuniu os seus exércitos e derrotou o seu rival às portas de Roma no dia 28 de Outubro de 312.<sup>34</sup> Pouco tempo depois (324), derrotaria também Licínio, imperador do Oriente, reunindo assim, pela primeira vez desde meados do séc. III, todo o mundo romano sob a égide de um único e incontestado imperador.

Segundo uma das mais importantes fontes acerca de Constantino atribuída a Eusébio de Cesareia (c.265-339), a *Vita Constantini*, o Imperador terá visto ao meio-dia do dia 27 de Outubro, no céu sobre a Ponte Mílvio, as letras gregas X (chi) e P (ro) repousando sob o sol com a legenda *in hoc signo vinces*, ou seja, com “este sinal vencerás”. Mais tarde nesse mesmo dia, enquanto dormia, apareceu-lhe o Cristo de Deus com o sinal que tinha surgido no céu e incitou-o a fazer para si uma cópia do sinal e a usá-la como protecção contra os ataques do inimigo. Constantino terá mandado gravar o símbolo nos escudos dos soldados, o que lhe teria daí em diante assegurado a vitória total sobre os seus inimigos<sup>35</sup>. A obra

---

<sup>33</sup> Diarmaid MacCulloch, *Christianity: the first three thousand years*, 1st American ed. (New York: Viking, 2010), 214.

<sup>34</sup> Peter Heather, *Christendom: the triumph of a religion, AD 300-1300*, First United States edition. ed. (New York: Alfred A. Knopf, 2023), 3-4.

<sup>35</sup> Eusebius, Averil Cameron, and Stuart George Hall, *Life of Constantine*, Clarendon ancient history series, (Oxford: Clarendon Press, 1999), 81.

suscita todavia algumas suspeitas, devido a consistir numa mistura desconfortável de panegírico (discursos laudatórios, em louvor de alguém), relatos fantasiosos ou lendários acerca de Constantino e história narrativa.<sup>36</sup>

Existem algumas dúvidas de que Constantino se tenha realmente convertido ao cristianismo antes do leito de morte, quando parece ter finalmente aceitado o baptismo. Embora tivesse mantido o título de *pontifex maximus* e permitido símbolos pagãos nas suas moedas até 320, existem várias evidências de que, a partir do Édito de Milão de 313 – do qual foi aliás promotor –, favoreceu grandemente o culto cristão através de grandes donativos e da construção de grandes igrejas, colocando, inclusive, o Palácio de Latrão à disposição do bispo de Roma. Além disso, Constantino não hesitava em intervir nos assuntos da Igreja, adoptando por vezes métodos jurídicos civis tipicamente romanos para lidar com problemas e cismas internos à própria instituição, como quando tentou, em 314, resolver o cisma donatista que surgira no Norte de África. Para esse efeito, estabeleceu um tribunal de investigação e julgamento constituído por uma comissão de bispos, procedimento que, como veremos na secção seguinte, usaria também para tratar da questão ariana.<sup>37</sup>

### **A formulação doutrinária do Credo Niceno**

Conforme anteriormente referido, o concílio de Bispos de Niceia foi convocado, essencialmente, em resposta à crise ariana, uma disputa teológica referente à natureza da pessoa de Jesus Cristo. Esta disputa, por um lado, ameaçava potencialmente a unidade do Império Romano, por outro, as doutrinas professadas por alguns padres da Igreja e de algumas correntes da tradição cristã. Até então, todavia, não existia ainda uma ortodoxia em sentido estrito, ou seja, uma linha doutrinária oficial aceite por todos os cristãos espalhados pelo Império.

---

<sup>36</sup> Eusebius, Cameron, and Hall, *Life of Constantine*, 4.

<sup>37</sup> Leo Donald Davis, *The first seven ecumenical councils (325-787) : their history and theology*, Theology and life series, (Collegeville, Minn.: Liturgical Press, 1990), 27-30.

Em carta escrita a seguir ao Concílio e enviada à igreja de Cesareia, Eusébio de Cesareia, que inicialmente simpatizava com as ideias de Ário, relata que, no início da assembleia conciliar, apresentou, na presença do imperador, o símbolo baptismal de Cesareia, o qual continha uma posição moderada, o qual acabaria aliás por se tornar a base do Credo Niceno:

“We believe in one God, Father, Almighty, maker of all things seen and unseen.

And in one Lord Jesus Christ the Word of God, God from God, Light from Light, Life from Life, only-begotten Son, first-born of all creation, begotten from the Father before all ages, through whom all things have come into being, who was incarnate for our salvation; and spent his life among men, and suffered and rose the third day and went up to the Father and will come again in glory to judge the living and the dead; And we believe in one Holy Spirit.

We believe that each of these is and exists, the Father truly Father and Son truly Son and Holy Spirit truly Holy Spirit, as our Lord said when he sent his disciples to preach, "Go and make disciples of all nations, baptizing them into the Name of the Father and of the Son and of the Holy Spirit". We are deeply convinced that these things are so and that this is our belief and has long been so and that we hold by this faith until death, anathematizing all atheist heresy. We bear witness that we have always believed this with heart and soul, ever since we have been conscious of ourselves and that we now believe and truly proclaim God Almighty and the Lord Jesus Christ, and are ready to demonstrate by arguments and to persuade you that we have always so believed and so preached in times past.”<sup>38</sup>

De notar que, embora esta fórmula baptismal afirmasse já que o Filho é subordinado ao Pai, descrevendo-o como “Deus”, a declaração era ainda insuficiente, uma vez que o termo *theos* (que pode ser traduzida como “Deus” ou como um ser divino) abarcava ainda um significado muito flexível. Nesse sentido, na sua carta, Eusébio apresenta à sua congregação uma série de justificações às alterações que resultarão na elaboração do texto final do credo:

- 1) o seu credo (§3) foi declarado inquestionável (§4)
- 2) o imperador agradou-se do credo, desejando apenas que a palavra *homoousios* fosse adicionada (§4),
- 3) compartilha o credo que será adoptado por todos (§4),

---

<sup>38</sup> Stevenson, *A New Eusebius : documents illustrating the history of the Church to AD 337*, 344-7.

- 4) apresenta a sua compreensão acerca de alguns termos e expressões-chave do credo, como “da essência do Pai” (§5), “gerado, não criado” (§6) e “do mesmo ser (*homoousios*) com o Pai” (§7)
- 5) justifica porque algumas ideias das doutrinas de Ário foram devidamente condenadas (declaradas anátemas) (§8).

Numa breve análise comparativa entre o Credo de Cesareia e o Niceno,<sup>39</sup> observa-se em ambos uma estrutura trinitária, com declarações dogmáticas referentes às pessoas da Trindade, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. De notar que as declarações relativas à segunda pessoa da Trindade (o Filho) são, de longe, as mais extensas, no sentido precisamente de clarificar a posição oficial e refutar as posições de Ário e seus partidários a esse respeito.

Credo de Cesareia (Eusébio)	Credo de Niceia (325)
<p>Creemos em um só Deus, Pai Todo-Poderoso Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. E em um só Senhor Jesus Cristo, o Verbo de Deus,</p> <p>Deus de Deus, luz da luz, vida da vida, Filho unigénito, Primogénito de toda a criatura, gerado do Pai antes de todos os séculos, pelo qual tudo foi criado,</p> <p>que encarnou para nossa salvação, e habitou entre nós, padeceu e ressuscitou ao terceiro dia, e subiu para o Pai e voltará com glória para julgar os vivos e os mortos; Creemos também no Espírito Santo.</p>	<p>Creemos em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. E em um só Senhor Jesus Cristo, Filho único gerado do Pai, isto é, da substância do Pai;</p> <p>Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, <b>consustancial</b> ao Pai,</p> <p>por quem tudo foi feito no céu e na terra. Por nós homens, e por nossa salvação, desceu [do céu], encarnou e se fez homem</p> <p>Sofreu e ressuscitou ao terceiro dia, subiu ao céu, e virá para julgar os vivos e os mortos.</p> <p>E [cremos] no Espírito Santo.</p>

<sup>39</sup> Isidro Pereira Lamelas, *Sim Creemos: O Credo comentado pelos Padres da igreja* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2013), 50.

Esta declaração representou uma etapa revolucionária no desenvolvimento do cristianismo. Pela primeira vez, a variedade local de crenças, implicitamente tolerada por uma formulação doutrinária deliberadamente vaga, foi suprimida em favor de uma prescrição muito mais exacta e de cima para baixo.<sup>40</sup> Após concluído o concílio, Constantino terá escrito aos bispos: “As I discovered from the prosperous state of the Republic how great the divine power has been, I thought it my primary duty to bring it about that the saintly multitudes of the Catholic Church shall preserve one faith, a sincere charity and a profound reverence for the Almighty.”<sup>41</sup> Estavam assim definidos os princípios que norteariam, mais tarde, as relações entre o Estado Romano e o Cristianismo, que passaria a ser a única religião do Estado.

### **Consequências e posteriores controvérsias**

O Concílio acabaria, portanto, por condenar as ideias de Ário através da formulação dogmática de um Credo, essencialmente trinitário, e que é produto de um expressivo consenso entre os bispos conciliares, segundo o qual a Pessoa de Jesus Cristo é, conforme exposto no quadro anterior, “Filho único gerado do Pai, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai”. A versão original do Credo Niceno (325) tinha, no entanto, um parágrafo contra os arianos que o próprio Eusébio de Cesareia se recusou a subscrever, mas que se manteve incorporado na fórmula até ao Concílio de Constantinopla, o qual rezava assim: “[But those who say: 'There was a time when he was not;' and 'He was not before he was made;' and 'He was made out of nothing,' or 'He is of another substance' or 'essence,' or 'The Son of God is created,' or 'changeable,' or 'alterable'—they are condemned by the holy catholic and apostolic Church.]”<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> Peter Heater, *Christendom: The Triumph of a Religion, AD 300-1300* (New York: Knopf, 2023), 32.

<sup>41</sup> Dvornik, *Photian and Byzantine ecclesiastical studies*, XV-7.

<sup>42</sup> Philip Schaff, *The Creeds of Christendom: With a History and Critical Notes*, vol. I (Harper, 1884), 45. <https://www.ccel.org/ccel/schaff/creeds1.html>.

Apesar da condenação do arianismo, o mesmo continuou a prevalecer em muitas zonas do Império. Ário, apesar de exilado e posteriormente perdoado pelo Imperador, acabaria por falecer em Constantinopla em 336, poucos anos após a finalização do Concílio de Niceia. A palavra *homoousios* continuava, no entanto, a levantar algumas questões: primeira, por a mesma não constar nem nas escrituras do Novo Testamento, nem na Septuaginta; segunda, porque a palavra tinha já sido usada nas disputas acerca das doutrinas do Monarquismo Sabeliano, que afirmava a estrita unicidade de Deus como sendo uma só pessoa e um só ser. Alguns bispos libios usaram-na para defender que Cristo e o Pai eram um só e o mesmo Deus, e Sabélio também, para abolir a distinção entre as três pessoas/hipóstases. Finalmente, também Paulo de Samosata usara a palavra para descrever o Pai e o Filho como unidade primitiva e indiferenciada. O próprio Ário argumentou junto do seu bispo que o termo expressava as opiniões dos odiados maniqueus acerca da natureza de Cristo, e é provável que a sua conhecida aversão ao termo tenha sido um factor importante durante as disputas que teve durante o Concílio.<sup>43</sup>

Niceia não só não resolveu a disputa ariana, como deu início a um processo doutrinário bastante longo. Sabe-se que pelo menos durante 30 anos, durante os reinados dos imperadores Constâncio II (337-361) e Valentiniano e Valente (364-378), o Credo Niceno foi oficialmente abandonado e uma nova definição, muito mais vaga — de que o Filho era «como» (*omoios*) o Pai — foi usada em seu lugar. Foi necessário passarem cerca de cinco décadas para que esta longa disputa fosse finalmente resolvida a favor da visão nicena. E isso ocorreu quando se realizou um segundo concílio ecuménico, desta feita em Constantinopla, em 381.<sup>44</sup> O chamado Credo Niceno-Constantinopolitano que daí resultou, e que ainda hoje é fórmula oficial na liturgia católica, ortodoxa, e em algumas denominações protestantes, restabeleceu a palavra *homoousios*, mas, entre outras alterações,

<sup>43</sup> MacCulloch, *Christianity : the first three thousand years*, 215.

<sup>44</sup> Heater, *Christendom: The Triumph of a Religion, AD 300-1300*, 32-3.

eliminou os anátemas finais dirigidos ao arianismo.<sup>45</sup> Segue-se o quadro comparativo entre o Credo de Niceia e o de Constantinopla (ou Niceno-constantinopolitano):

Credo de Niceia (325)	Credo de Niceno-Constantinopolitano (381) <sup>46</sup>
Cremos em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis.	Cremos em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis;
E em um só Senhor Jesus Cristo, Filho único gerado do Pai, isto é, da substância do Pai;	E num só Senhor, Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, gerado do Pai antes de todos os séculos
Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, <b>consustancial</b> ao Pai,	Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, <b>consustancial</b> ao Pai,
por quem tudo foi feito no céu e na terra. Por nós homens, e por nossa salvação, desceu [do céu], encarnou e se fez homem	por quem todas as coisas foram criadas; Por nós homens e por nossa salvação desceu do céu. Encarnou por obra do Espírito Santo, e [nasceu] de Maria, a virgem e fez-se homem;
Sofreu e ressuscitou ao terceiro dia,	Por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos: padeceu e foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras,

<sup>45</sup> Philip Schaff, *The Creeds of Christendom: With a History and Critical Notes*, vol. I (Harper, 1884), 40. <https://www.ccel.org/ccel/schaff/creeds1.html>.

<sup>46</sup> Lamelas, *Sim Cremos: O Credo comentado pelos Padres da igreja*, 55.

subiu ao céu, e virá para julgar os vivos e os mortos.	subiu ao céu e está sentado à direita do Pai; De novo há-de vir com glória para julgar os vivos e os mortos, e o seu reino não terá fim.
E [cremos] no Espírito Santo.	E no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, que procede do Pai e do Filho ( <i>filioque</i> ), que com o Pai e o Filho é adorado e glorificado, e falou pelos Profetas.
	E na Igreja una, santa, católica e apostólica. Reconhecemos um só baptismo para o perdão dos pecados, e esperamos a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há-de vir.
	Ámen.

O Concílio de Constantinopla, convocado pelo Imperador Teodósio I, reuniu-se, em primeiro lugar, para refutar o apolinarismo e afirmar a completa humanidade de Jesus Cristo. Apolinário, Bispo de Laodiceia, e seus seguidores, tinham difundido uma doutrina segundo a qual em Cristo não existia uma alma humana, uma vez que esta tinha sido substituída pelo Verbo de Deus. Esta teoria, inspirada em Ário, visava assegurar a unidade ontológica e a santidade moral de Jesus Cristo. O Verbo encarnou, não para salvar apenas os corpos, mas também as almas, isto é, o homem na sua integralidade.<sup>47</sup>

Neste concílio tratou-se também de uma outra questão que viria a revelar-se polémica, e mesmo, como adiante se verá, causa de cisma vários séculos mais tarde: o estatuto ontológico do Espírito Santo no contexto da Trindade, que a declaração de Niceia, muito vaga nesse respeito, não resolvia. Alguns simpatizantes do arianismo, principalmente os macedonianos<sup>48</sup>, aplicavam a doutrina ariana do Logos ao Espírito Santo. O seu argumento era basicamente o seguinte: “Se, o Filho – pensavam eles – não é da mesma substância do Pai, então também se deve concluir o mesmo em relação ao Espírito Santo, o qual não é de natureza divina, e portanto não é Deus.”<sup>49</sup>

<sup>47</sup> Lamelas, *Sim Cremos: O Credo comentado pelos Padres da igreja*, 53-4.

<sup>48</sup> Macedonianos, eram também conhecidos por pneumatómacos.

<sup>49</sup> Lamelas, *Sim Cremos: O Credo comentado pelos Padres da igreja*, 54.

Ora, no Credo Niceno-Constantinopolitano, aceite por todos, tanto pelos cristãos latinos, como orientais, foi incluída mais tarde, pela Igreja Latina, uma cláusula adicional, ou seja, o *filioque*, – do latim “e (do) Filho” –, que pressupunha a processão dupla do Espírito Santo a partir, simultaneamente, do Pai e do Filho. Por outro lado, a Igreja Grega, embora tivesse aderido ao texto do Credo formulado em Constantinopla, rejeitou esta cláusula posterior, enfatizando a monarquia do Pai como a única raiz e causa da Divindade, do qual, em processão única, (ἐκπόρευσις) procede o Espírito, sem que o Filho tenha qualquer intervenção. Este supunha-se ser um processo eterno intra-trinitário (tal como a geração eterna do Filho), e não deveria ser confundido com a missão temporal (πέμψις) do Espírito Santo pelo Pai e pelo Filho.

A Igreja Latina, no interesse da co-igualdade do Filho com o Pai, e tomando a processão (*processio*) num sentido mais amplo, ensinou desde Agostinho a dupla processão do Espírito a partir do Pai e do Filho.<sup>50</sup> Daí que a inclusão, no Credo, desse pressuposto, lhe tenha parecido natural. Porém, a Igreja Oriental nunca esteve de acordo, ao ponto de este ter sido um dos principais pontos de discórdia que levaram, por fim, ao Grande Cisma de 1054, que dividiria, até hoje, o cristianismo oriental do ocidental.

### **Conclusões: o ideal e a esperança de uma igreja unida**

Embora o Credo Niceno-Constantinopolitano tenha sido criado com o propósito de unificar todos os cristãos num só corpo, não houve uma união plena e tangível entre as igrejas após a sua aceitação. O Credo foi formulado, pela primeira vez e na sua primeira forma, no Concílio de Niceia, em 325, e depois complementado e composto na sua forma final no Concílio de Constantinopla, em 381. Marcou sem dúvida um progresso no sentido da unidade da Igreja, uma vez que abraçou alguns princípios cristãos fundamentais como a Trindade e a ideia

---

<sup>50</sup> Schaff, *The Creeds of Christendom: With a History and Critical Notes*, 40-1.

de uma Igreja una, santa, católica e apostólica. No entanto, a realidade histórica mostra que, depois da sua formulação, as divisões entre as igrejas persistiram e, em certos casos, até se aprofundaram, contribuindo para grandes cismas, como o de Calcedónia, o Grande Cisma de 1054 e a Reforma Protestante.

É verdade que, hoje, o Credo é aceite em muitas das principais tradições cristãs, incluindo a Católica Romana, a Ortodoxa Oriental, a Anglicana e muitas denominações protestantes. Mas uma unidade real entre as diversas confissões, na doutrina, na liturgia, na eclesiologia, permanece ainda um ideal.

Primeiro, porque se sabe que as próprias circunstâncias históricas e políticas que deram origem à fórmula niceno-constantinopolitana, sugerem que a mesma foi aprovada por meio de alguma coacção e pressão política. Depois, como vimos, temos ainda a célebre controvérsia da adenda *filioque*, incluída no Credo pela Igreja Católica Romana à revelia da Igreja Oriental.

Persistem igualmente algumas variações na interpretação do conceito básico de Trindade entre as Igrejas Católica, Protestantes e Oriental, com esta última a enfatizar o aspecto místico<sup>51</sup> ao invés de unidade e igualdade entre as três pessoas, conforme propõem os católicos romanos. Várias denominações actuais rejeitam explicitamente a doutrina trinitária do Credo Niceno, como os Mórmons, os Pentecostais apostólicos, os Unitaristas e as Testemunhas de Jeová, os quais representam milhões de cristãos em todo o mundo.

Finalmente, conforme já referido, depois de Niceia e até aos dias hoje, continuaram a surgir várias heresias<sup>52</sup> e interpretações alternativas. Afinal, a tentativa do Credo de resolver, de forma definitiva, as questões cristológicas, contribuindo assim para uma efectiva unidade da Igreja, revelou-se uma tarefa inacabada. É que, por um lado, as circunstâncias históricas, sociais e políticas

---

<sup>51</sup> Veli-Matti Kärkkäinen, *Christian understandings of the Trinity : the historical trajectory*, Christian understandings, (Minneapolis: Fortress Press, 2017), 66-7.

<sup>52</sup> O próprio conceito de heresia é bastante complexo. Enquanto categoria teológica, a heresia tem a sua contraparte, a ortodoxia. Enquanto a ortodoxia se refere a pontos de vista teologicamente correctos – doutrinas e crenças, a heresia, seriam aqueles que estão teologicamente incorrectos. Obviamente o que seria considerado ortodoxo numa determinada época, poderia tornar-se uma heresia noutra. Bart D. Ehrman, *Lost Christianities : the battles for Scripture and the faiths we never knew* (New York: Oxford University Press, 2003), 151-5.

variam a cada época, e, por outro, surgem sempre novas formas de interpretar as escrituras, a tradição e os dogmas da fé.

Talvez se tenha de ver o Credo não tanto como uma bússola para guiar a Igreja em direcção a uma unidade estrutural de plena comunhão, mas antes como uma ferramenta cujo potencial deverá ser usado enquanto símbolo e base para o desenvolvimento e fortalecimento do diálogo ecuménico.

## Bibliografia

- Bauer, Walter, Robert A. Kraft, and Gerhard Krodel. *Orthodoxy and Heresy in Earliest Christianity*. Philadelphia: Fortress Press, 1971.
- Bird, Michael F., and Scott D. Harrower. *The Cambridge Companion to the Apostolic Fathers*. Cambridge Companions to Religion. Cambridge, United Kingdom ; New York, NY, USA: Cambridge University Press, 2021.
- Bokenkotter, Thomas S. *A Concise History of the Catholic Church*. Rev. and expanded ed. New York: Doubleday, 2004.
- Brown, Colin. *The New International Dictionary of New Testament Theology*. 3 vols. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Pub. House, 1975.
- Danker, Frederick W., Walter Bauer, and William Arndt. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3rd ed. Chicago: University of Chicago Press, 2000.
- Davis, Leo Donald. *The First Seven Ecumenical Councils (325-787) : Their History and Theology*. Theology and Life Series. Collegeville, Minn.: Liturgical Press, 1990.
- Dunn, James D. G. *Unity and Diversity in the New Testament : An Inquiry into the Character of Earliest Christianity*. 2nd ed. Philadelphia: Trinity Press International, 1990.
- Dvornik, Francis. *Photian and Byzantine Ecclesiastical Studies*. Collected Studies 32. London: Variorum Reprints, 1974.
- Ehrman, Bart D. *Lost Christianities : The Battles for Scripture and the Faiths We Never Knew*. New York: Oxford University Press, 2003.
- Esler, Philip Francis. *The Early Christian World*. Routledge Worlds. Second edition. ed. London ; New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2017.
- Eusebius, Averil Cameron, and Stuart George Hall. *Life of Constantine*. Clarendon Ancient History Series. Oxford: Clarendon Press, 1999.
- Fredriksen, Paula. *When Christians Were Jews : The First Generation*. New Haven: Yale University Press, 2018.
- Hanson, R. P. C. *The Search for the Christian Doctrine of God : The Arian Controversy 318-381*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1988.
- Heater, Peter. *Christendom: The Triumph of a Religion, Ad 300-1300*. New York: Knopf, 2023.
- Heather, Peter. *Christendom : The Triumph of a Religion, Ad 300-1300*. First United States edition. ed. New York: Alfred A. Knopf, 2023.
- Holifield, E. Brooks. *Theology in America : Christian Thought from the Age of the Puritans to the Civil War*. New Haven, CT: Yale University Press, 2003.
- Kärkkäinen, Veli-Matti. *Christian Understandings of the Trinity : The Historical Trajectory*. Christian Understandings. Minneapolis: Fortress Press, 2017.
- Lamelas, Isidro Pereira. *As Origens Do Cristianismo: Padres Apostólicos*. Lisboa: Paulus, 2016.

- . *Sim Cremos: O Credo Comentado Pelos Padres Da Igreja*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2013.
- MacCulloch, Diarmaid. *Christianity : The First Three Thousand Years*. 1st American ed. New York: Viking, 2010.
- McGrath, Alister E. *The Christian Theology Reader*. 5th ed. Chichester, West Sussex ; Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2017.
- McKnight, Scot. *The Pastoral Epistles*. Cambridge, United Kingdom ; New York, NY, USA: Cambridge University Press,, 2023.
- Mitchell, Margaret Mary, Frances M. Young, and K. Scott Bowie. *Origins to Constantine*. Cambridge History of Christianity. Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 2006.
- Piñero Sáenz, Antonio. *Los Cristianismos Derrotados : CuáL Fue El Pensamiento De Los Primeros Cristianos HeréTicos Y Heterodoxos?* Ierusalem. Madrid ; Miami: Edaf, 2007.
- Schaff, Philip. *The Creeds of Christendom: With a History and Critical Notes*. Vol. I: Harper, 1884. <https://www.ccel.org/ccel/schaff/creeds1.html>.
- Stevenson, James. *A New Eusebius : Documents Illustrating the History of the Church to Ad 337*. Rev. with additional documents / ed. London: SPCK, 1987.
- Varner, William. *The Apostolic Fathers : An Introduction and Translation*. New York: T&T CLARK, 2023.
- Vermès, Géza. *Christian Beginnings : From Nazareth to Nicaea*. New Haven: Yale University Press, 2013.
- Williams, Rowan. *Arius : Heresy and Tradition*. Rev. ed. Grand Rapids, Mich.: W.B. Eerdmans, 2002.